



O SIGNIFICADO ARQUETÍPICO DO INDÍGENA CONTADOR DE HISTÓRIAS: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

Andressa da Silva Noronha*
Geam Karlo-
Gomes**

Resumo: O presente texto analisa o significado simbólico-arquétipo do indígena contador de histórias, sua representação e importância na atualidade. Situado no campo descritivo e interpretativo, esse trabalho tem como pressuposto a pesquisa etnográfica, desenvolvida em uma tribo indígena na região da Bahia. Investiga-se a figura simbólica do contador de histórias, fazendo apontamentos teóricos para justificar a sua importância social e cultural. Para análise bibliográfica, foram adotados como bases principais os recortes teóricos e reflexões do livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, de Ecléa Bosi, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, de Carl Gustav Jung e *Imagem e Símbolos de Mircea Eliade*. Os resultados da pesquisa e a interpretação da análise de dados demonstraram que a contação de histórias está presente na atualidade e que o arquétipo do Velho Sábio, ancião da sabedoria e discernimento, se mantém intacto no imaginário humano. A figura arquetípica do contador de histórias no grupo analisado permanece inalterada no inconsciente coletivo.

Palavras-chave: Contador de histórias. O Velho Sábio. Etnografia.

Abstract: The present text analyzes the symbolic and archetype meaning of the indigenous storyteller and his representation and importance today. Situated in the descriptive and interpretive field, this work has as presupposition the ethnographic research, developed in an indigenous tribe, in the Bahia region. This research investigates this symbolic figure of the storyteller making theoretical notes to justify his social and cultural importance. For bibliographic analysis, the theoretical and reflections of the books *Memory and Society: Memories of the Elderly*, by Ecléa Bosi, *The archetypes and the collective unconscious*, by Carl Gustav Jung and *Image and Symbols*, by Mircea Eliade were adopted as main basis. The results of the research and the interpretation of data analysis has shown that storytelling is present today and that

* Universidade de Pernambuco - UPE,
Recife, PE, Brasil.
Graduada em Letras.
E-mail: dessinhanoronha@hotmail.com

** Universidade de Pernambuco - UPE,
Recife, PE, Brasil.
Líder do ITESI - Grupo de Pesquisa Itinerários
Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário
(UPE/ CNPq).
Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Interculturalidade (UEPB).
E-mail: geamk.upe@gmail.com
DOI: 10.19177/memorare.v5e1201824-41



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

the archetype of the Old Wise, the elder of wisdom and discernment, remains intact in the human imagination. The archetypal figure of the storyteller in the analyzed group remains unchanged in the collective unconscious.

Keywords: *Storyteller. The Old Wise. Ethnography.*

1. Introdução

O ser humano acumula, por meio da memória, os diferentes saberes. Os mais velhos possuem uma memória admirável, pois conseguem transmitir com riqueza de detalhes o que ouviam de seus pais ou avós quando crianças. Os seus relatos, fábulas, mitos, orações, entre outros, são os testemunhos da sua cultura e da sua identidade. Comumente, é no interior da família, de um grupo ou comunidade que esse resgate da memória se faz presente e encontrar-se um contador sentado na porta de casa, com pessoas a sua volta, ouvindo atentamente suas histórias.

Com base nas contribuições de Carl Gustav Jung e Mircea Eliade, além de fundamentos teóricos complementares a essa abordagem, buscou-se concentrar a pesquisa de campo etnográfica de caráter analítico-interpretativo. Ela foi realizada em uma tribo indígena X, no norte do Estado da Bahia e teve como sujeitos: a figura do contador de histórias e seus ouvintes. Nesse sentido, foram ouvidos os relatos da comunidade a respeito da figura representativa da cacique e dos mais velhos da tribo, assim como, das crianças e jovens que costumam ouvir tais histórias.

Segundo Córdova e Silveira (2009, p. 39), “a pesquisa etnográfica pode ser entendida como o estudo de um grupo ou povo”. Para o Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição (LEECCC) do Rio de Janeiro, “a pesquisa etnográfica apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas como uma das mais relevantes técnicas”. Ainda de acordo com a LEECCC, a etnografia tem como objetivo maior buscar o entendimento e a compreensão do desenvolvimento dos processos comunicativos com o propósito de identificar os padrões e regularidades das condições de mudança e de suas potencialidades entre os participantes de uma determinada atividade.



A pesquisa etnográfica ganhou espaço nas ciências sociais por acontecer fora do contexto acadêmico e analisar as relações sociais. Ela serve de subsídio para essa pesquisa por ser voltada a um grupo étnico em seu contexto natural.

Inicialmente, a proposta foi conduzida por uma pesquisa etnográfica no contexto das narrativas orais, ou seja, observando os contadores em seu convívio para obter informações a respeito do hábito de narrar ou ouvir, através de gravações de suas interações, a fim de dar subsídio à pesquisa. O trabalho também foi instrumentalizado por meio de entrevistas abertas. Elas foram realizadas através de gravação em áudio, com um gravador digital e, posteriormente, transcrito. O questionário compõe-se de uma parte para identificação do participante: idade e sexo; e a segunda parte contém uma série de enunciados sobre práticas e atitudes acerca da contação de histórias, apresentados como itens independentes.

A entrevista foi realizada no dia 28 de outubro de 2017, perante a apresentação de termo de compromisso, a qual foi entregue à líder comunitária da tribo. A pesquisadora foi auxiliada por um acompanhante, que fotografou e gravou a entrevista, enquanto ela fazia as anotações necessárias. Os entrevistados foram chamados um por vez, conforme a recomendação da cacique. Dos entrevistados participantes, quatro são do sexo feminino e dois do sexo masculino, com faixa etária de 10 a 31 anos. As citações dos entrevistados são identificadas no texto pela letra O = ouvinte, e enumerados conforme a sequência em que ocorreram, em negrito. As falas estão destacadas em itálico, com aspas, e as falas com mais de três linhas não são recuadas. Elas são transcritas sempre respeitando o dialeto dos falantes. A figura que representa o contador de história será nomeada de cacique, já que não houve mais entrevistados nesta categoria.

2. A arte milenar do contador de histórias

A literatura oral está presente na sociedade desde os nossos ancestrais. Essa prática era utilizada para (re) passar os conhecimentos e as experiências, não deixando morrer as tradições. Geralmente, o patriarca ou o mais velho era o contador, o qual resgatava de sua memória e vivências, as histórias a serem narradas. Como discorre Ramos (2011), a arte de narrar histórias encontra suas raízes nos povos ancestrais que



contavam e encenavam histórias para difundirem seus rituais, os mitos, os conhecimentos acerca do mundo e sobre as experiências adquiridas ao longo do tempo. A literatura oral retrata a cultura de outros tempos. É uma das formas mais importantes do repasse de conhecimento que é transmitido para os descendentes através de ensinamento e compreensões sobre o mundo.

As narrativas orais trazem a história do crescimento e da evolução da humanidade. As práticas sociais e culturais necessitam da memória, pois é através dela que conhecemos o passado e os tempos mais remotos que foram apreendidas por alguém e transmitidas oralmente. Como enfatiza Shikida (2005, p.21), “as tradições orais lembram, processam e transmitem conhecimento, um saber em movimento, continuamente ativo, dissecado, acrescentado e refeito”. As comunidades que não utilizavam a escrita tinham a tradição oral como uma maneira de informar e passar aos mais novos as suas crenças e saberes. Bosi (2016) afirma sobre isso que a lembrança garante a sobrevivência do passado. Desta forma, as gerações tinham como exemplo o mais velho, que propiciava a troca de experiências e conhecimentos, fazendo com que o passado continuasse presente, assim os sucessores iriam dar continuidade aos costumes dos seus ancestrais. Para Ramos (2011):

Os contadores eram figuras de destaque na comunidade por serem os que sabiam apresentar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva, enfim, a herança cultural pela memória do grupo. Os contadores retiravam de suas vivências e dos saberes delas obtidos o que contar. (RAMOS, 2011, p. 30).

Em outras palavras, Bonvini (2006, p. 8) afirma que “o tempo é apreendido na sua dimensão de atualidade e em relação ao futuro. A memorização do passado é apenas uma centralização no presente e no futuro do grupo”. As histórias orais são mnemonicamente apreendidas pela memória e responsáveis por documentar o passado de um povo, que se faz existir no presente e no futuro através do contar de histórias. A cultura de transmitir os saberes oralmente acompanha os indivíduos durante seu percurso de vida. Muitas vezes, ouvimos ou contamos histórias sem nos darmos conta que estamos fazendo, pois a nossa memória está cheia de lembranças que narramos sem perceber. A arte da narrativa existe em todas as culturas, segundo Coutinho (1999, p.



185) “é o elemento vivo e harmonioso que ambienta a criança e acompanha, obstinadamente, o homem, numa ressonância de memória e saudade”.

Coutinho (1999) ainda nos assegura que todos nós somos portadores do material rico e complexo, recolhido inconscientemente na infância e que são guardados na lembrança. Desta forma, entende-se que a criança que está habituada a ouvir histórias carrega essa lembrança na memória até sua vida adulta. É um tecer de saberes que se perpetua na vida do homem. Para Bosi (2016, p. 55), “na maior parte das vezes, lembrar não é só reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. O passado pode estar presente nas gerações atuais de outra maneira. Resgatar as lembranças e construir as imagens do passado edifica a cultura e as práticas sociais. De acordo com Halbwachs (1990), o passado deixou traços visíveis e os costumes modernos repousam sobre coisas antigas que afloram em mais de um lugar.

Compreende-se que os tempos mudam, porém, a essência continua, a intenção de perpetuar os costumes permanece a mesma em toda a humanidade. Por outro lado, essas narrativas vão sofrendo alterações ao decorrer do tempo, de narrador para narrador. Como decorre Azevedo (2007), através dos séculos, na plasticidade da memória e da voz, as narrativas populares viajam para todos os lados, sendo disseminados pela transmissão boca a boca. Nesse processo, sofreram todo tipo de modificação: fusões, acréscimos, cortes, substituições e influências. Mesmo assim, os relatos orais, resgatados da memória, constituem a identidade de um povo, e por ventura, de um grupo social.

3. O indígena e a arte de contar histórias

O homem é histórico e transmite a História. Histórias do seu povo e das suas vivências culturais e sociais. O índio, uma entre as etnias mais importantes para cultura brasileira, conserva até hoje o hábito de contar histórias. Os seus conhecimentos e ensinamentos são repassados, recontados e revividos, através da arte milenar que é a tradição oral. As palavras sagradas e os rituais antigos não podem ser esquecidos e são primordiais para manter viva a cultura de um povo. Como afirma Sisto (2012, p.57), “a História, como elemento sagrado, proferida pelo reconhecimento do valor das palavras, com força ritualística e congregadora sempre foi ‘arma’ dos negros e dos índios”.



Há muito tempo, as histórias são repassadas de geração em geração, principalmente nas comunidades em que não há a escrita para disseminar os costumes, ensinamentos, crenças e modos de sobrevivência do grupo. Os contadores populares representavam para as comunidades a figura ilustre. Os mais velhos, desde os povos primitivos, são os guardiões das tradições. Eles receberam na infância todos os ensinamentos e cultura, que guardados na lembrança são transmitidos aos jovens. Segundo Sisto (2012), ao armazenar fatores importantes para o registro histórico do seu grupo e da sociedade, o contador de histórias se faz importante para a história do homem e do mundo.

4. O ouvinte

O momento de contação de história é vivenciada a partir da interação entre dois indivíduos: um que conta e outro que escuta. De acordo com Bonvini (2006, p. 7), “no plano individual, a comunicação oral se elabora a partir das limitações impostas pela presença do interlocutor”. O contador precisa utilizar de artifícios verbais que prenda a atenção do ouvinte, ele também participa deste momento e precisa estar atento aos detalhes. Não há interação sem a participação e inquietação dos ouvintes durante a narrativa.

Segundo Coutinho (1999, p. 188), “os ‘velhos’ os mestres do folguedo, juntam o pessoal para aprender, e nessas aulas surgem às vezes controvérsias pelo inopinado aparecimento de variantes”. Quem escuta pode discordar dos acontecimentos narrados; a diferença de idades pode influenciar nas divergências, já que o ouvinte pode ter conhecimento de outras narrativas semelhantes e fazer comparações. A prática de contar histórias é semelhante ao que acontece em uma sala de aula: há quem ensina e quem aprende e, como resultado, todos saem enriquecidos de saberes. Temos um professor de vida, o velho, que é aquele que relata com emoção os casos que vivenciou ou presenciou e um aluno que aprende novas lições para a vida, ou ainda, acrescenta na vida de quem conta.

São tantas histórias que os mais velhos trazem na lembrança, ao ponto de ser impossível narrar todas. Como afirma Bosi (2016, p. 39), “lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito”. O contar é tão espontâneo que chega a encantar o

ouvinte, não são simples histórias, mas fatos reais ou que se tornam realidade a partir do tom de voz, dos gestos, da veracidade, do imaginário e do encantar que o narrador provoca. O ouvinte observa através da audição as imagens que são feitas verbalmente e escuta atentamente cada detalhe.

Os tempos são revividos e refeitos, outras épocas são representadas naquele instante místico e fantástico. Para Eliade (1979, p. 57), “pelo simples fato da narração de um mito, o tempo profano é — pelo menos simbolicamente — abolido: narrador e auditório são projetados num tempo sagrado e mítico”. O momento se torna sagrado. Aquela entrega entre narrador e ouvinte evidencia a troca que ocorre na interação entre os dois personagens principais na tradição oral que é o locutor e o interlocutor. Segundo Sisto (2012, p.35), uma história, para ouvinte, começa a nascer no impulso do olho”. Os olhares que se entrelaçam provocam a magia deste momento que é tão aconchegante e mágico.

5. O Velho Sábio no inconsciente coletivo

A criação humana é derivada da capacidade da imaginação. O contador de histórias, além de narrar suas experiências, detém uma imaginação especial, já que dispõe de espírito criativo para representar suas imagens. A este conjunto de imagens que podem ser passadas e produzidas, Durand (2004) nomeou de imaginário. Para ele é o real que aciona o imaginário.

Para Maffesoli (2001) o imaginário não é quantificável, ele ultrapassa o indivíduo. É uma força espiritual que não podemos ver, mas conseguimos sentir. O imaginário estabelece um vínculo, é o alicerce social, é o estado de espírito de um grupo, de um país, de uma nação. Os símbolos, imagens e mitos são necessários para a humanidade, estão presentes na vida do homem porque são fundamentais para fortalecer a realidade, pois revela aquilo que está camuflado em nossa alma. Eliade (1979, p. 13) afirma que:

O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser. (ELIADE, 1979, p. 13).



A sociedade é constituída por modelos, paradigmas preestabelecidos que são responsáveis por materializar estruturas do inconsciente, sendo primordiais e existenciais desde início da humanidade. A psique humana é composta por um reservatório de ideias e conceitos do inconsciente que são transmitidas a todas as gerações. Jung (2000) denominou esta camada de inconsciente coletivo e as concepções nela contida como arquétipos. Para ele, trata-se de uma matriz que organiza as vivências humanas.

O inconsciente coletivo não está relacionado às experiências pessoais e não é adquirido individualmente, mas, é herdado e faz parte de sentimentos, lembranças e ideias compartilhadas coletivamente pela humanidade. Nele, estão armazenadas as imagens latentes que são os arquétipos ou ainda imagens primordiais, herdada dos ancestrais.

Segundo Eliade (1979), os arquétipos são concretizados nas ações humanas. O homem, quando deseja reviver os modelos primordiais, realiza-se integralmente e universalmente. Os arquétipos dão então sentido ao existir, por que são a base para os povos e influenciam o comportamento humano. Desta forma, há uma busca constante em encontrar o significado e o sentido da existência, assim como uma maneira de eternizar-se.

As gerações futuras necessitam dos conselhos dos mais experientes. Eles já viveram situações parecidas e sabem como lidar e contornar certas limitações. É assim nos contos de fadas: há sempre um personagem mais velho e sábio que orienta os heróis ou um grupo. Eles são instruídos a seguirem determinado caminho que, para o arquétipo da sabedoria, é o certo a seguir. As lições de vida dos mais velhos são indispensáveis e necessárias em qualquer circunstância, seja real ou fictícia.

Desta forma, a figura do arquétipo do Velho Sábio pode ser citado como aquele que possui sabedoria e julgamento acerca da vida. Segundo Jung (2000, p.213), “o Velho Sábio aparece nos sonhos como mago, médico, sacerdote, professor, catedrático, avô ou como qualquer pessoa que possuía autoridade”. No sonho ou na vida real, o arquétipo do Velho Sábio representa a figura que utiliza seus conhecimentos e ensinamentos de mundo para contar histórias e oferecer orientação de forma mística que

impressiona o público, agindo assim como um mentor, atividade principal da vida individual e coletiva.

6. A imagem arquetípica do velho sábio indígena

Os entrevistados pertencentes a tribo X, no período Y, evidenciam que a literatura oral não deixou de existir. Sempre esteve presente na vida humana, mesmo que enfraquecida. A contação de histórias sobrevive aos avanços da sociedade. Segundo Sisto (2012, p.23), “contar histórias é uma arte sem lugar em pleno século XXI”. Dessa forma, entende-se que a tradição não morreu, ela se perpetua. O contador de história vive e revive um passado que permanece intacto na sua memória. Conforme o relato da cacique, entrevistada como contadora de histórias, *“conto o que os nossos antepassados explicou e a gente fica passando de geração para geração”*.

A antiga tradição de se reunir para ouvir histórias continua existindo. Os indígenas são exemplos reais de que na atualidade os costumes dos antepassados não foram deixados de lado. Segundo o **O2**: *“a gente se reúne aqui nas portas, nos terreiros, na escola...”* Foi perceptível na fala dos entrevistados que eles têm a escola da comunidade como o principal local para eventos que acontecem na tribo. Sisto corrobora com a fala do entrevistado, ao afirmar que:

Não o será difícil de lembrar que os índios se reuniam em um círculo ritual, para socializarem suas histórias, crenças, tradições, suas descobertas, suas experiências cotidianas compartilhando-as em narrativas. (SISTO, 2012, p. 57).

Os momentos de contação de histórias na tribo acontecem com frequência. O pajé e outros índios mais velhos eram os responsáveis por contar as histórias. Hoje falecidos, deixaram o legado para os seus sucessores. Bosi (1994) afirma que nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, os responsáveis por ensinar aos jovens.

Antes, quando o pajé era o líder, os momentos de contação aconteciam na palhoça que havia no terreiro, atualmente acontece na escola ou na casa da cacique. O **O3** fala que *“quando ela quer contar vamos para a casa dela, ela conta lá ou então na escola”*. Segundo o **O1**, neto de um dos contadores mais antigos, relembra da sua

infância e diz que, *“a cacique conta muitas histórias e minha avó também contava muito na casinha ali (apontando para a escola)”*. O **O4**, o mais velho dos entrevistados como ouvinte, que conheceu o pajé e ouviu muitas de suas histórias relata como era antigamente: *“acontecia assim, antes era o pajé que contava, mas como ele morreu agora quem conta é a cacique. Antigamente, tinha uma palhoça que a gente se reunia para ouvir as histórias, mas foi tirada. Agora, tudo que acontece é na escola”*. Fica evidente que hoje a escola é o ambiente físico mais importante na tribo e é onde eles costumam se reunir para a contação de histórias e outros eventos.

Assim como o local é importante, a figura do contador mais ainda. Na observação e interpretação das falas dos ouvintes se torna perceptível o respeito e a admiração que possuem para com a cacique. Figura importante para continuação da tradição e dos costumes. Os ouvintes tem gratidão pela contadora por seus ensinamentos e conselhos. Para o **O2**: *“as vezes essas histórias dão conselhos, que vão ajudando. Quando acontece alguma coisa ela que vai lá e chega junto dando ensinamentos. Tudo que aprendi eu agradeço até hoje...”*. Estés (2007, p. 60) diz que *“os conselhos e advertências da avó com frequência podem ajudar a impedir deslizos dos mais jovens”*.

O **O2** usa o termo *“chega junto”*, para mencionar a importância da experiência de vida e a bagagem significativa que a cacique repassa. Assim, a sua figura simboliza a sabedoria, é o que afirma o **O3**. Para ele, *“ela representa coisa boa. Tudo que acontece de ruim ela resolve por todos. Tudo que há de ruim ela procura um meio de ajudar”*. Conforme Jung (2000), o velho sábio também é a figura de benevolência e solicitude, ele é solidário para com o outro. Assim, a solidariedade da dessa velha sábia, os auxilia a resolver e a agirem de forma consciente diante de situações difíceis. Ainda segundo Jung (2000) o velho surge com os conselhos e conhecimentos necessários que ajudam a resolver situações complexas.

As histórias narradas sempre possuem uma finalidade, seja para transmitir uma mensagem, ensinamento ou lição de vida. Questionada sobre o propósito de contar histórias na tribo, a cacique diz que *“ensino tudo o que é bom para eles, né? Ensino a cura, o remédio, como fazer o Toré, a gente ensina eles dançarem...”*. Coutinho (1999) corrobora para a fala da entrevistada quando diz que o contador tradicional junta o pessoal para aprender. Desse modo, os momentos de contação de histórias na tribo são momentos importantes para a aprendizagem dos ritos antigos.



Sisto (2012) afirma que não há como esquecer os contadores de histórias das sociedades tribais primitivas. Eles eram os transmissores da história, do conhecimento, crenças, mitos, costumes e valores que eram repassados entre as gerações da comunidade. Esse costume ancestral das tribos primitivas continua vivo. Os mais velhos ensinam o que sabem de forma simples, porém, significativa. Para Bosi (1994, p. 76), “o ancião é o maior bem social, possui um lugar honroso e uma voz privilegiada”. O olho no olho e a voz velada são singelos e com uma carga imensurável. Resgatar da memória o que aprendeu e viveu para revivê-los fortalece o argumento de que o velho necessita ser respeitado e admirado por todos.

Ensinar é uma das habilidades do contador de histórias. Seus saberes são repassados para manter viva a essência de um povo. Não é novidade que muitas coisas mudaram e permanecem mudando com os avanços da humanidade. Com o índio não é diferente, ele precisa se adequar ao novo, porém suas raízes não podem se perder. Sobre o ato de ensinar e as mudanças nos costumes, a cacique diz que, *“ensino tudo direitinho para eles. A gente sabe que o índio não é mais como antes. Tem muitos que moram na cidade e os filhos já vão crescendo no costume do branco, mas sempre eu resgato eles para aldeia”*.

A cacique conta que muitos estão indo morar na cidade para trabalhar, mas não permite que sua cultura seja deixada de lado ou influenciada pela cultura do branco. Segundo ela, *“eu vou contando que temos a nossa característica, não nos misturamos com branco porque eles só ensinam coisas que não prestam”*. Cada grupo tem uma cultura e compartilha uma narrativa que apresenta densos significados.

O que alimenta os grupos e a história de um povo é o imaginário. O mundo é repleto de imagens que estão reunidas em características e símbolos dentro de um reservatório. O contador de histórias aciona o seu imaginário a partir da realidade, assim, ele repassa o que viveu ou presenciou no percurso de sua vida. Quando os ouvintes foram interrogados sobre a imagem que eles tinham da cacique, acionados pelo inconsciente coletivo, a definiram como o Velho Sábio. Segundo o **O4**, *“ela é a sabedoria e a cultura porque ela já é mais velha e sabe mais do que nós. É a sabedoria por que é quem diz quando fazemos uma coisa errada e é quem ajuda com que já sabe e pela experiência que já tem”*. De acordo com Jung (2000, p. 221), “além de sua inteligência, sabedoria e conhecimento, o Velho se distingue [...] pela posse de



qualidades morais”. O Velho possui um domínio do espírito que edifica a conduta e os valores individuais e coletivos, seus preceitos e disposição a educar, ensinar e aconselhar ajudam a juventude a agir de forma lúcida em circunstâncias difíceis.

Utilizada por muitas civilizações e povos, a troca de experiências através da oralidade é um artifício que sobrevive até os dias de hoje. Éstes (2007, p. 60) diz que “as ferramentas mágicas que a avó arquetípica usa para a transformação não mudam há milhares de anos”. As “ferramentas mágicas” citadas na fala da autora expressam a valia que tem o arquétipo da sabedoria enquanto contador. Suas artimanhas de convencer nos gestos, no olhar e na voz acarreta na transformação e no alicerce do homem. É um prestígio ouvir as histórias dos antecessores e conhecer épocas tão distintas. Ao perguntar sobre a serventia das histórias e a sua importância os ouvintes **O3** e **O4** afirmam, respectivamente, que *“para ficar na memória. Para a gente saber do passado”*. *“Eu me sinto privilegiada em ouvir as histórias, por que a gente sabe que os antepassados indígenas tiveram uma vida difícil e hoje estamos dando andamento ao que eles deixaram. É tão bom poder ouvir as histórias e continuar seguindo os costumes que os mais velhos ensinaram e ensinam para a gente”*. De acordo com Shikida:

Os anciãos são reconhecidos como os mais sábios, já que a vivência e a experiência trazem consigo o conhecimento acumulado. É o ancião encarnado na figura do mestre que transmite a arte do ofício e da sabedoria. (SHIKIDA, 2005, p.30).

Os jovens de ontem serão os velhos de amanhã. Os contadores não se findam pela necessidade humana de se transmitir conhecimentos e a sabedoria acumulada. Sisto (2012, p.42) ressalta que “as origens do contar histórias são muito antigas – tanto quanto o homem – e atravessaram os tempos”. São gerações que ensinam gerações e as histórias narradas não estão nos livros e tão pouco são atuais. A contadora diz que *“não tem o porquê contar histórias novas. As histórias novas não me convêm, só as histórias da minha origem que é de raiz, que vem dos povos mais velhos”*. Em outro momento, ao ser questionada de onde advêm essas histórias ela argumenta que *“explico o que nossos antepassados explicaram e continuamos passando de geração para geração”*.

As histórias antigas são acarretadas de simbologia e serventia para quem conta e para quem ouve. Elas, além de possuir significado cultural, desperta os sentimentos nos

envolvidos durante a contação. A contadora de história costuma narrar também as histórias de luta de índios falecidos para seus descendentes. Quando questionado sobre o tipo de histórias que ouve e o que sente ao ouvi-las o O3 se emociona ao relatar que *“as histórias são de aventura, ensinamentos, da tradição da tribo. Às vezes eu fico triste e outras vezes alegre. Fico triste porque ela conta história da minha mãe que já morreu”*. É notório que a cacique é responsável por transmitir as histórias populares e de vida do seu povo, permitindo que os jovens conheçam a história da sua existência.

Todas essas histórias narradas aguçam a imaginação e despertam sentimentos nos ouvintes. O índio possui uma cultura riquíssima e cheia de mistérios. Algumas das histórias místicas e crendices não podem ser narradas para brancos por sua particularidade. Por outro lado, temos lendas e mitos que explicam os ritos e crenças desse povo. Coutinho (1999, p. 188) diz que *“seria lógico incluir na literatura oral a lenda e o mito, ambos comunicados e circulantes pelo processo verbal na maioria dos casos”*.

Além das histórias de luta e ensinamentos dos rituais, a cacique conta muitas histórias que ouviu na sua infância. São lendas e mitos que fundamentam as crenças da cultura indígena. Conforme analisado nas histórias que foram narradas pela cacique, os mitos e lendas que ela conta explicam o surgimento do mundo e da vida. Sem a liderança cultural da cacique seria impossível conhecer o passado e as tradições da comunidade. Bosi (1994, p. 82) afirma que *“nas tribos antigas, ele tem um lugar de honra como gratidão do tesouro espiritual da comunidade, a tradição”*. Sobre a Cacique, o O4 testemunha: *“Ela é a cabeça! Sem ela acho que não existiria mais a nossa cultura”*. O O2 acrescenta ainda que *“as histórias são importante porque a gente tem que aprender desde pequeno a nossa cultura”*. Assim, não há como conhecer o passado se não for através da memória de um ancião. Isso é antigo e permanece até hoje.

7. As histórias indígenas e seus significados arquetípico-mitológicos

O índio não nega as suas origens, tão pouco deixa esquecer a sua cultura. Não é mais a cultura “pura” dos anos 1.500, porém, os símbolos primitivos continuam existindo e são (re) significados por esse povo. A cacique relata que ouviu muitas histórias. São tantas que não consegue lembrar de todas. As que permanecem na



memória são “histórias de raiz”. Eliade (1963, p. 12) diz que “o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos ‘começos’”. Quando interrogada costuma contar essas histórias (míticas e simbólicas) dos seus ancestrais, ela diz que “*conto sim, conto sobre o pai Tupã que é o deus de todo mundo e a mãe Lua*”.

O mito do pai Tupã e mãe Lua tem um significado importante porque fala justamente da origem da vida e do mundo:

Tudo tem o significado pra gente. Pra gente a lua na nossa língua se chama Jacira, meu nome na língua indígena é Inã, que significa raios de lua, foi esse nome que recebi por que nasci numa noite clara. O sol a gente diz que é a luz do nosso deus pai Tupã, ele é o deus da luz ou do trovão como falam também, ele brilha e dá vida a gente como a lua que brilha também, mas é a noite. Conta os antepassados que o pai Tupã casou com a deusa do céu, a mãe Lua. Eles se encontraram nas estrelas. Tava sempre um perto do outro, mas nunca tinha se encontrado ai quando se viro se apaixonou. Os dois, quando casaram, “começou” a criar todas as coisas: gente, passarim, planta (pausa), todas as coisa que temos na natureza. Nós precisa dessas duas “luz”. O pai para iluminar o dia e a mãe para nos iluminar durante a caçada da noite. Os meninos tudim sabe pescar. Quero que tu veja como é bem interessante. A luz que brilha de noite nos guia no escuro. Temos rituais que agradece e para pedir chuva ou luz aos nossos pais. Se eles nos deu a vida precisamos agradecer. Essa história parece com a de Adão e Eva que os brancos costuma contar.

Fonte: História contada pela cacique no dia 28 de outubro de 2017, às 10 horas 20 minutos.

No mito, analisaremos os símbolos: Sol, Lua e luz. Os três símbolos estão presentes em várias culturas, recriados com formas simbólicas diferentes, porém, o significado arquetípico permanece o mesmo. Esse mito evidencia o que Jung (2000) menciona: o arquétipo é universal. Ele está presente no imaginário humano. Os símbolos revelam que o Velho Sábio é o ancião da sabedoria, já que ele possui o conhecimento sobre a vida e o mundo.

Os símbolos transmitem uma mensagem e os mitos os utilizam para materializar a existência. Para Campbell (1990), os mitos ensinam que você pode se voltar para dentro e começar a captar a mensagem presente nos símbolos. Os símbolos ajudam a ligar a mente com a experiência de estar vivo. De acordo com Eliade:

Um mito narra sempre que qualquer coisa se passou realmente, que um acontecimento teve lugar no sentido estrito da palavra, quer se trate da criação do Mundo, da mais insignificante espécie animal ou vegetal, ou de uma instituição. (ELIADE, 1957, p. 8).



Para o autor, o mito cosmogônico explica os múltiplos modos de ser, revelam as histórias sagradas do mundo e asseguram que foram os deuses ou os seres semidivinos que criaram o Universo. Eliade (1989, p. 94) diz ainda que “um mito vivo está sempre ligado a um culto”. Os índios da tribo pesquisados estão enraizados às suas credences existenciais, por isso, cultuam ao pai Tupã e a mãe Lua pela luz, seja à luz do dia ou à da noite, em agradecimento a vida. Assim, a cacique, ao contar suas histórias, representa por excelência a sabedoria do Velho Sábio. O elo entre memória e imaginário alimenta a figura arquetípica no inconsciente humano.

Símbolos são recriados conforme cada cultura. Esses são mencionados em diversos mitos. Segundo a cacique, o Sol é pai criador do universo. Luz da vida. Segundo Chevalier (1986, p. 949), “se não é o próprio Deus, o sol é para muitos povos, uma manifestação da divindade”. O mito está fortemente ligado à crença de que há um deus maior e que dá a vida. Segundo a contadora de histórias: “*pai Tupã é o deus de todo mundo [...] ele brilha e dá vida a gente*”.

A Lua, segundo Chevalier (1986), “é privada de luz própria e é apenas um reflexo do sol”. Dessa forma, o símbolo lunar está associado ao solar. Há uma correlação entre eles. Fica claro na fala da cacique essa dependência dos astros ao mencionar o casamento entre eles: “*o pai Tupã casou com a deusa do céu, a mãe Lua [...] Os dois, quando casaram, ‘começou’ a criar todas as coisas*”. A união dos dois astros serve para explicar o princípio existencial. Segundo ela, “*nós precisa dessas duas ‘luz’. O pai para iluminar o dia e a mãe para nos iluminar durante a caçada da noite*”. Compreende-se por tanto que, Lua e Sol são os deuses regentes para a tribo.

O Inã “raios de lua”, nomeado simbolicamente pela cacique para referir-se ao nascer em lua clara, evidencia mais uma vez o discernimento presente na anciã. O símbolo da luz, de acordo com Chevalier (1986), representa em todos os níveis da vida, como também em todos os planos cósmicos, uma estação brilhante, pura e regenerada no período escuro. Sol e Lua são “luzes” opostas, por isso, a cacique menciona “*luz do dia e a luz da noite*”. São luzes que, apesar de “casadas”, possuem esse distanciamento simbólico. Ainda segundo Chevalier (1986), há uma oposição em luz-escuridão. De acordo com ele essa dualidade é universal e existe simbolicamente em várias culturas, porém, a partir de símbolos diferentes. No mito cristã, por exemplo, há uma separação cósmica entre sombra e luz. Na gnose ismaelita, os símbolos luz e escuridão são



definidos como os princípios luminosos e obscuros representando simbolicamente espírito e corpo.

Esse mito retoma explicitamente um mito bíblico da criação do mundo. Na Bíblia Sagrada (1991, p. 14), livro de Gênesis 1:1 que diz “no princípio Deus criou o céu e a terra”. Assim, podemos estabelecer semelhanças do pai Tupã, com a terra e a Lua com o céu. Pode-se também correlacioná-los aos primeiros seres humanos: “*essa história parece com a de Adão e Eva que os brancos costuma contar*”. Inconscientemente, a partir do mito, ela relaciona os símbolos que são universais. Desta forma, a figura arquetípica do Velho Sábio também se manifesta nos símbolos mitológicos e a partir da sabedoria que explica de onde veio o homem e qual o seu lugar na história.

Por essa razão, a figura do Velho Sábio busca trazer respostas às várias inquietações da vida humana: de onde viemos? Existe um criador, um pai? Como surgiu esse mundo? São infinitos os questionamentos, por isso temos a disposição esses mitos cosmogônicos e a sabedoria desse arquetipo. É ele quem explica através dos mitos a existência do mundo e do homem.

8. Considerações Finais

A memória permite que os registros históricos da humanidade sejam recriados e recontados em todas as civilizações. Relembrar coisas da sua infância ou tudo que já viveu e aprendeu no decorrer da vida e, (re) vivê-los, através da contação de histórias, fortalece a essência do existir.

As gerações se ligam através de símbolos. Com o estudo etnográfico e bibliográfico da representação simbólico-arquetípica do contador de histórias, ficou evidenciado que as histórias têm como propósito repassar os costumes, a cultura e as tradições que se sucedem de geração em geração. Pode-se então confirmar que existem figuras arquetípicas em toda a humanidade. Elas estão expostas nos símbolos, mitos e nas infinitas histórias que circulam nas mais diversas culturas, desde os povos primitivos.

O Velho Sábio se dispõe a narrar as histórias, os mitos que já ouviu, que por ventura são universais, embora difiram enquanto seus símbolos. As suas experiências de

vida têm o poder do discernimento. Isso se justifica graças às bagagens transportadas na memória e a missão milenar que o ancião tem perante um grupo. Seus conselhos, crenças e conhecimentos orientam os mais jovens.

Por fim, é possível dizer que a contação de histórias é responsável por fixar os arquétipos no inconsciente coletivo, que é base da existência humana. Os índios da tribo X pesquisados contribuíram para essa afirmativa, sejam enquanto contadores de histórias ou ouvintes, demonstram que a literatura oral continua sendo um dos artifícios mais poderosos para disseminação dos saberes e da cultura.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. Conto popular, literatura e formação de leitores. **Revista Releitura**, Belo Horizonte, n. 21, abr. 2007.

BÍBLIA SAGRADA. A humanidade, ponto alto da criação. Tradução Eulides Martins Balancin e Ivo Storiolo. Brasília: Paulus, 1991.

BONVINI, Emilio. Textos orais e texturas oral. In: BRANCO, Lúcia Castello. et. al. (Org.). **A tradição Oral**. Belo Horizonte: [s.n], 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Org. Betty Sue Flowers. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Helder, 1986.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Farias. **A Literatura no Brasil**. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e das filosofias da imagem**. Tradução ReneéEveLevié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 1957.

_____. **Aspectos do mito**. Tradução Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1963.



_____. **Imagens e símbolos.** Lisboa: Arcádia, 1979.

_____. **Origens:** história e sentido na religião. Tradução Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Tradução Waldia Barcellos. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

JUNG, Carl Gustav. Tradução Maria Luiza Silva; Dora Mariana R. Ferreira Silva. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LABORATÓRIO DE ETNOGRAFIA E ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E COGNIÇÃO. A Pesquisa Etnográfica. Pesquisa em Comunicação, Cultura e Cognição e creditado pelo CNPq e PROPI (Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação). Rio de Janeiro: UFF, 2002.

Disponível em: <<http://www.proppi.uff.br/leccc/pesquisa-etnogr%C3%A1fica>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MAFFESOLI, Michel. Entrevista. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, ago. p. 8, 2001.

RAMOS, Ana Claudia. **Contação de histórias:** um caminho para a formação de leitores? 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. **Informação, História e Memória:** a Constituição Social da Informação em Relatos Orais. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2005.

SISTO, Celso. **Texto e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3 eds. rev., e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

Submetido em: 25/03/2018. Aprovado em: 27/03/2018.